

# Nascidos do estupro: a noção de nacional-ocidentalização em *As Doenças do Brasil*, de Valter Hugo Mãe e em *Iracema*, de José de Alencar

Born from rape: the notion of nacional-occidentalization in *As Doenças do Brasil*, by Valter Hugo mãe and in *Iracema*, by José de Alencar

João Pedro da Cunha de Almeida 

Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras.  
Recife, PE, Brasil.  
E-mail: joao.palmeida@ufpe.br

## Resumo:

O artigo oferece uma perspectiva sobre as tentativas de ocidentalizar o personagem Honra, em *As Doenças do Brasil* (2021) e a personagem Iracema, que dá título ao romance de José de Alencar (1865), sendo ambos marcados pela memória e vivência do trauma colonial enquanto fator principal de suas origens. Para isso, o artigo almeja examinar o conceito de nacional-ocidentalização, apresentado em um dos estudos de Alfredo Cesar Melo (2020) para, posteriormente, inseri-lo enquanto força motriz da construção de dois personagens em romances que utilizam da ambientação colonial para a construção de suas narrativas. Ademais, no intuito de auxiliar a compreensão acerca das constantes tentativas de ocidentalização dos personagens que aqui serão analisados, torna-se necessário firmar-me no aparato teórico-metodológico de Antonio Candido (1997), Doris Sommer (2004) e Ailton Krenak (2019).

## Palavras-Chave:

Representação; Nacional-ocidentalização; Formação Nacional; Colonialismo; Colonialidade.

### Editora-chefe

Marcia dos Santos  
Machado Vieira

### Editores Associados

Abreu Castelo Vieira dos Paxe  
Carmen Lucia Tindó Secco  
Pâmela Fagundes Travassos

Recebido: 20/05/2024

Aceito: 10/08/2024

### Como citar:

ALMEIDA, João. Nascidos do estupro: a noção de nacional-ocidentalização em *As Doenças do Brasil*, de Valter Hugo Mãe e em *Iracema*, de José de Alencar. *Revista Diadorim*, v.26, n.2, e63987, 2024. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2020.v26n2a63987>

## Abstract

The article offers a perspective on the attempts to occidentalize the character Honra, in *As Doenças do Brasil* (2021) and the character Iracema, which gives the title to José de Alencar's novel (1865), both being marked by the memory and experience of the colonial trauma as main factor of their origins. To this end, the article aims to examine the concept of national-occidentalization presented in one of the studies by Alfredo Cesar Melo (2020) and, later, claim it to be a driving force in the construction of the two characters in novels that use the colonial environment for the construction of their narratives. Furthermore, to help understand the constant attempts to occidentalize the characters that will be analyzed here, it is necessary to rely on the theoretical-methodological framework of Antonio Candido (1997), Doris Sommer (2004) and Ailton Krenak (2019).

## Keywords:

Representation; National-occidentalization; National Formation; Colonialism; Coloniality.

## Resumen

El artículo ofrece una perspectiva sobre los intentos de occidentalización del personaje Honra, en *As Doenças do Brasil* (2021) y del personaje Iracema, que da título a la novela de José de Alencar (1865), ambos marcados por la memoria y la experiencia. del trauma colonial como factor principal de sus orígenes. Para ello, el artículo pretende analizar el concepto de nacional-occidentalización, presentado en uno de los estudios de Alfredo César Melo (2020) y, posteriormente, insertarlo como motor en la construcción de dos personajes de novelas que utilizan el escenario colonial para la construcción de sus narrativas. Además, para ayudar a comprender los constantes intentos de occidentalizar a los personajes que aquí se analizarán, es necesario apoyarse en el aparato teórico-metodológico de Antonio Candido (1997), Doris Sommer (2004) y Ailton Krenak (2019).

## Palabras Clave:

Representación; Nacional-occidentalización; Capacitación Nacional; Colonialismo; Colonialidad.

## Introdução

Como pode um país, que nasce de um estupro, encontrar sua cura? Esta pergunta, que pode parecer uma afronta fatalista às contribuições epistemológicas contemporâneas brasileiras sobre a formação nacional, nos remete a um passado colonial. Esse período foi marcado por invasões disfarçadas de descobertas, intolerâncias religiosas mascaradas de missões cristãs, e genocídios de povos inteiros com culturas ricas e diversas, camuflados sob o pretexto da colonização e modernização das terras que, desde o século XV, ficaram conhecidas como o “Novo Mundo”. Sobre todos esses discursos passados, de maneira velada, pelos agentes colonizadores europeus, comenta o teórico e líder indígena Ailton Krenak em sua obra *Ideias Para adiar o fim do mundo*:

[...] A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história (Krenak, 2019, p. 11).

Nesse sentido, é necessário voltar as atenções para o período vigente em que aqueles tidos como historicamente colonizados vivem e resistem, no intuito de compará-lo com as noções ditas por Krenak anteriormente. A colonização, enquanto processo e momento histórico, aos poucos, teve seu fim marcado pelas lutas de independência dos países do chamado “Novo Mundo”. Todavia, mesmo após rigorosos períodos de batalhas pela emancipação dos povos das gestões europeias, o que ainda se pode observar, em uma constante e potente força dos tempos atuais, é o projeto colonizador transpassado pelas matrizes daquilo que ficaria conhecido como colonialidade, que, de acordo com alguns estudos do sociólogo peruano Anibal Quijano (2009), é estendida às competências do ser, poder e saber. Dessa maneira, as instâncias do conhecimento de si e do outro passava a ser regulada pelas fontes de saber que estavam diretamente ligadas ao projeto colonizador, fazendo com que toda a cultura dos diversos povos colonizados fosse reduzida à subalternidade, além de ser constantemente comparada, em um viés teológico ocidental cristão, a tudo aquilo que entendia-se como demoníaco para as mesmas matrizes de conhecimento, em uma espécie de maniqueísmo que era responsável por ser a grande barreira entre as realidades dos povos originários, da população negra vinda do continente africano e dos ocidentais europeus.

A partir desse contexto, não é difícil inferir que os colonizadores, através de seus mecanismos de dominação, opressão e poder, também interfeririam na maneira pela qual os oprimidos produziram suas formas de expressão artísticas. Logo, o *locus* em que a arte e as manifestações culturais dos povos originários e dos escravizados africanos se inseria, ou seja, um dos lugares mais importantes em que se produziam as suas cosmovisões e o conhecimento acerca do seu mundo e da vida, passa a ser, a partir do projeto colonial que lhes fora imposto, uma espécie de mimetização das formas de produção ocidentais, tidas como de grande prestígio e valor pelos padrões acadêmicos até então vigentes (padrões que, por sua vez, foram também criados pelos colonizadores ocidentais). É nessa perspectiva que a literatura advinda do complexo afro-indígena originado no Brasil se inseria enquanto uma espécie de microcosmo representativo da realidade colonial vivida e das perspectivas que a colônia possuía em tornar-se, em dado momento, espelho da metrópole ocidental que abriga os colonos. Passou-se, portanto, a observar no contexto de formação da literatura brasileira, repetidas tentativas de representar aquilo que seria entendido como o produto nacional brasileiro, ou seja, traços expostos em personagens, ambientações que revelassem aquilo que poderia ser compreendido como a cor local (Denis, 1978) do país, e é justamente a partir dessas tentativas que nascem os aspectos responsáveis por marcar, tempos à frente, aquilo que ficaria conhecido como o romantismo nativista indianista, que, no pensamento da professora universitária Doris Sommer (2004) (e dadas as circunstâncias de valoração e prestígio literário da época), podia ser considerado “[...] meramente ornamental e mais europeu que a Europa” (2004, p. 165).

É a partir da descrição que Sommer concede à forte vertente de produção romanesca em sua primeira geração no Brasil que surge o interesse de exploração da presente escrita. Ao enxergar o processo de produção literária advindo da fase inicial do romantismo no Brasil enquanto uma tentativa de representar o nacional, porém pautando-se nos padrões ocidentais europeus de escrita e representação, no processo de formação da literatura brasileira, é necessário investigar de que maneira tamanha tentativa passa a ser efetivamente uma das faces de representação indigenista nos anos iniciais da produção literária no Brasil em seus primeiros momentos na reflexão do que viria a ser denominado colonialidade, tomando como principal exemplo de personagem ocidentalizada Iracema, a “[...] virgem dos lábios de mel” (Alencar, 1991, p. 7) que dá nome à novela de José de Alencar do século XIX. Além disso, o artigo também ousará articular o conceito de nacional-ocidentalização proposto anteriormente nas representações literárias acerca do Brasil, indo, mais especificamente, ao encontro da produção mais recente do escritor português, de origem angolana, Valter Hugo Mãe, intitulado *As doenças do Brasil* (2021). Nele, há uma representação das invasões dos colonizadores às terras que viriam a ser conhecidas como Brasil alegoricamente trazidas à narrativa através de um estupro sofrido por uma mulher

originária, da tribo Abaeté, chamada Boa de Espanto, que acaba gerando Honra, filho de duas culturas distintas e representação daquilo que seria o primeiro fruto do “contato” entre o agressor branco e a colonizada originária. Diante dessa perspectiva, ao entrecruzar os personagens provenientes das duas narrativas, o artigo pretende esmiuçar o conceito de nacional-ocidentalização e aplicá-lo aos personagens de dois romances (sendo um escrito por um autor brasileiro e o outro escrito por um autor angolano) que, apesar de escritos em tempos distintos, possuem como denominador comum os efeitos da colonialidade e da memória do trauma, aportes essenciais para entender as representações de Honra e Iracema. Para alcançar tamanho efeito, pretende-se, em primeiro plano, elucidar a perspectiva de nacional-ocidentalização e, momentos depois, atrelá-la à memória do trauma presente nas representações dos personagens citados anteriormente, no intuito de compreendê-los enquanto frutos da colonialidade e de seus efeitos nas esferas do ser, saber e poder.

## Nacional-ocidentalização: conceito controverso ou proposta colonial?

Em seu artigo *A formação como nacional-ocidentalização*, o professor Alfredo Cesar Melo (2020) faz uso da obra de Antonio Candido para discutir alguns dos sentidos e reverberações do conceito de formação. De acordo com o autor, a discussão acerca do conceito de formação é antiga e nos cerca, em questões de pensamento social, desde o início das produções em literatura brasileira até os vários ensaios que buscam interpretar o Brasil em seu contexto mais amplo. Nesse sentido, o professor afunila seu questionamento ao trazer à baila discursiva o conceito de formação pensado por Antonio Candido e aplicado à literatura de forma sistemática. Acerca disso, Melo nos diz que

A resposta mais corriqueira a essa questão apontaria para a formação como construção de um sistema literário articulado entre autores, obras e público, ocorrido entre metade do século XVIII, o Século das Luzes, e o tardo Oitocentos brasileiro, algumas décadas após a independência (entre o primeiro e o segundo volume, *Formação da literatura brasileira* cobre o período que vai de 1750 a 1880) (Melo, 2020, p. 137).

Se o conceito de formação estaria atrelado, no pensamento de Melo a partir da interpretação que ele fez da obra de Candido, à elaboração de um sistema, é natural pensar que esse sistema estaria submetido às regras e academicismos comuns à progressão de uma crítica literária ocidentalizada que estivesse cada vez mais forte e consolidada no meio brasileiro à medida que impusesse os padrões por ela exigidos e

estipulados no cânone da literatura europeia. Neste cenário, para se pensar a origem dos padrões de regimento literário que estabeleceriam a literatura enquanto sistema no Brasil, firmamo-nos em uma das formulações de Candido (1997) que condenou a literatura brasileira à dependência das experiências literárias de outras letras para, então, elaborar a sua própria tentativa de experiência, sendo assim, ainda nas palavras de Candido, “pobre e fraca” (1997, p. 9), uma pequena ramificação que apenas mimetizava o imaginário ocidental europeu.

Diante desse contexto, a nacional-ocidentalização é definida por Alfredo Cesar Melo como um modelo de formação da literatura brasileira, especificamente analisado através do olhar crítico sob o trabalho de Antonio Candido. Para o professor,

Quando falamos de formação como processo de nacional-ocidentalização, estamos bem mais próximos da ideia de formação contida em outros grandes ensaios de interpretação do Brasil. [...] Trata-se de um processo social, político e econômico presidido pelo europeu que muitas vezes via nas terras para onde seu negócio expandia a extensão de seu império. O fator complicador dessa equação é que o trabalho feito pela e para empresa colonial é de uma população não ocidental por excelência: africanos e índios (Melo, 2020, p. 141).

Têm-se, portanto, uma população que é, em massa, formada por dois grupos culturais subalternizados pelo processo colonizador e que, com suas respectivas culturas, diferem, drasticamente, das normas e padrões exigidos pela crítica literária que, por sua vez, até os antecedentes do modernismo, apenas dava valor à produção literária voltada à ocidentalização da cultura brasileira, transpassada em representações cada vez mais irreais ao factual que contemplava aquilo que Melo (2020) chamaria de complexo afro-índio brasileiro. Dessa maneira, a formação da literatura brasileira, investigada e criticada por Antonio Candido (1997), pode ser compreendida enquanto constantes tentativas de ocidentalização de povos originários que, naquele contexto, eram reduzidos e oprimidos pelas tentativas de embranquecimento cultural e político da nação a partir de sua formação.

Observa-se, diante das perspectivas aqui apontadas, uma literatura de formação da nação brasileira que mais funcionava como um instrumento de dominação que obedecia às matrizes coloniais impostas aos diversos grupos raciais e étnicos que constituíam o Brasil pós-colonial, tornando-se, assim uma maneira disciplinar estabelecida pela Europa colonizadora aplicada através das máscaras progressistas que insinuavam uma espécie de instrução e letramento à nação que ali se formava. A extensão da dominação colonial amplia-se, mais ainda, ao tomarmos como exemplo alguns dos primeiros ambientes acadêmicos estabelecidos nas Américas. Marcadas pela consolidação dos aparatos de dominação coloniais, as academias brasileiras eram descritas por Candido da seguinte maneira:

No caso da colônia brasileira, é preciso ajuntar que representavam, neste sentido, um reforço da política de imposição da cultura erudita de tipo europeu, em detrimento das manifestações de cunho popular, que assumiam relevo ameaçador em certos casos. Há mesmo vários exemplos de coexistência das duas culturas em certas comemorações, revelando concorrência e a necessidade de consolidar a de tipo erudito e europeu (Candido, 1997, p. 75).

Nota-se, no âmbito das comemorações, a urgência no estabelecimento da cultura proveniente da Europa como erudita e letrada, enquanto a literatura que se distanciava da matriz colonial de saber era reduzida ao conhecimento popular, menosprezada e tratada enquanto folclore, e, em certos casos, vista como má literatura. Com base na tessitura argumentativa até aqui elaborada, é perceptível que o conflito literário entre os letrados europeus e os primitivos americanos era pautado, entre outros aspectos, na perspectiva de nacional-ocidentalização. Se, de um lado, a literatura foi utilizada pelos europeus para impor e celebrar valores ocidentais cristãos, além de oficializar (ou monopolizar) a língua portuguesa em detrimento das línguas afro-indígenas já existentes naquelas terras, da perspectiva originária surge, na mesma literatura, uma possibilidade de se trabalhar por meio das frestas, ou seja, utilizar a função própria literária em criar e manifestar formas expressivas para atingir representações das culturas originárias e africanas que exaltavam suas respectivas culturas independentemente de um meio crítico responsável por desqualificá-las e subjugar-las enquanto visões de mundo.

Entende-se, portanto, que o denominador comum entre o conceito de formação nacional literária e as disputas de poder no campo político e cultural brasileiro é a nacional-ocidentalização. O termo, cunhado e esmiuçado pelo professor Alfredo Cesar Melo (2020), é importante para se pensar principalmente em uma nação enquanto algo que viria a ser, em um caráter de devir que não somente aceita as culturas formadoras ocidentais, como também rejeita as cosmogonias do complexo afro-indígena que também foram parte atuante neste longo (e ainda inacabado) processo. Dessa maneira, após tentar analisar o conceito de nacional-ocidentalização, é necessário colocá-lo à baila literária e examinar como ele afeta dois personagens representados por autores distintos, mas que partilham da existência originária e africana ao longo de seus escritos.

## Iracema e a ocidentalização

Como é de conhecimento dos muitos historiadores e acadêmicos das ciências humanas, o século XIX foi muito importante para a instituição do pensamento nacional na formação das populações latino-americanas pós-coloniais. De fato, a elaboração do projeto nacionalista pautava-se, dentre outros aspectos, na recorrente

busca aos chamados mitos de origem, narrativas essenciais que tentam explicar a fundação e a *cosmogonia* de um povo. Todavia (e conforme já explorado em linhas anteriores), como se poderiam resgatar os mitos fundadores de uma nação majoritariamente ocidentalizada como o Brasil, fruto dos projetos expansionistas europeus? Os escritores brasileiros deste século optaram por responder ao questionamento anteriormente feito a partir das elaborações daquilo que, posteriormente, ficaria conhecido como romance histórico, muito importante para firmar as perspectivas e os traços marcantes da nação que não somente enxergava a literatura como algo que estivesse por vir, como também pensava a literatura nacional como uma mãe responsável por gestar, ao mesmo tempo, a dita nação. Sobre essa escrita romanesca, e segundo a historiadora e pesquisadora francesa Anne-Marie Thiesse, em seu artigo *Ficções criadoras: as identidades nacionais* (2008), é feita uma análise precisa acerca das ficções de fundação nas Américas, por parte da professora, ao afirmar que

No início do século XIX, as nações ainda não têm história. Mesmo aquelas que já determinaram seus ancestrais dispõem apenas de alguns capítulos incompletos de uma narração cujo essencial ainda está por ser escrito. A historiografia de uma nação distingue-se da historiografia de uma monarquia na sua natureza e na sua forma. Ela deve colocar em evidência a continuidade e a unidade da nação como ser coletivo através dos séculos, apesar de todas as opressões, de todos os infortúnios, de todas as traições. E é o romance, um gênero literário tão jovem quanto a ideia de nação, que servirá, ao mesmo tempo, de modelo narrativo para as primeiras elaborações eruditas da escrita nacional e de vetor de difusão de uma nova visão do passado (Thiesse, 2002, p. 12).

Percebe-se, nesta gama de escritas sobre a nação, a importância do romance histórico não somente enquanto gênero (que, naquela altura, foi usado como verdadeiro campo de experimentação pelos autores brasileiros), como também um dos primeiros espaços literários de produção das identidades a partir de um novo sistema-mundo que surgiu através do processo colonizador. Foi justamente o novo sistema de controle e poder o responsável por estratificar a população brasileira e trazer, em vários ensaios sobre a formação da literatura no Brasil, uma falsa ideia de mestiçagem cultural, uma vez que havia, em todas as instâncias do saber, uma priorização do conhecimento provinciano europeu e uma marginalização das demais culturas. Tamanha concepção de conhecimento seria transpassada à literatura em personagens cada vez mais ocidentalizados, marcados pelas escritas ambientadas nos moldes das epopeias gregas que serviriam de base à construção das primeiras imagens nacionais brasileiras.

Neste contexto encontra-se *Iracema* (1991), romance originalmente publicado em 1865 que conta a história de Martim, o “bom colonizador”, marcado pelo caráter amistoso e romântico, e a originária Iracema, uma das principais representações analisadas no presente artigo, descrita como “[...] a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira” (Alencar, 1991, p. 7). A perspectiva de nacional-ocidentalização atrelada à personagem se dá logo na relação que Iracema possuía com Martim e os demais personagens da narrativa. Por meio da relação amorosa entre os dois, originou-se Moacir, filho nascido do sofrimento de Iracema, representação da mestiçagem que faz parte das primeiras criações literárias acerca do nascimento do Brasil, pautada no eufemismo que a relação amorosa entre uma colonizada e um colonizador pôde transpassar diante do momento histórico da colonização. Acerca desse encontro que origina um filho responsável por representar, alegoricamente, o surgimento da nação brasileira, comenta Doris Sommer, em *Ficções de Fundação*:

[...] Esse romance inverte as designações de cor do herói e da heroína de O guarani, e assim retoma o padrão das crônicas que relatam inúmeros encontros entre conquistadores brancos e índias facilmente conquistadas. Não há qualquer indicação de coerção que manche a prosa poética desse romance, pelo menos por parte de Martim, o soldado louro. A princesa Iracema apaixona-se à primeira vista e, à maneira de Pocahontas, salva-o de guerreiros de uma tribo inimiga. Iracema é uma sacerdotisa que havia consagrado sua virgindade ao culto da jurema, mas seu contato com Martim se mostra um remédio mais eficaz (Sommer, 2004, p. 171).

A fala da professora em seu estudo teórico sobre o indianismo de duas faces nas novelas alencarianas é muito importante para se pensar um pouco sobre a ocidentalização de Iracema ao longo de todo o romance. Em primeiro plano, trata-se de uma índia que segue alguns dos preceitos católicos sobre o corpo, similar a uma musa, virgem e com voto de castidade explícito, porém mascarado pela escrita de José de Alencar por meio do comprometimento com a jurema, uma espécie de bebida sagrada responsável por levar ao êxtase os índios de sua tribo, sendo assim dotada de significados sagrados para a cultura tabajara na narrativa. Em uma última instância (no momento), percebe-se, ainda na fala de Sommer, uma crítica ao contato da índia brasileira com Martim, em uma perspectiva de conciliação racial que marca a escrita de Alencar e toda uma geração que escreverá após ele. Sommer (2004) trata o invasor português como um “remédio mais eficaz” para denotar a condição de Iracema enquanto invadida pelos colonizadores e suas respectivas matrizes de poder. A partir disso, Moacir, enquanto fruto de uma Iracema ocidentalizada, pode ser analisado como um filho da nação, mas ele não passa de um fruto da completa

ocidentalização da personagem materna que, ao ver a fuga de seu povo com Martim como algo que compensaria a perda de seu lar e de sua família, acaba sendo, constantemente, abandonada pelo amado durante a gestação que custara a perda de seu traço nobre no povo tabajara (afinal, era ela a guardiã do segredo da jurema). Os sumiços de Martim, justificados pela inquietação com guerras, resultam em uma chegada tardia ao nascimento de seu filho que, àquela altura, já havia sugado a vida de sua mãe, deixada ao léu e explorada, durante toda a narrativa, como uma conquistada que já havia aceitado seu destino ao romper o selo de sua virgindade após o contato com o invasor europeu. Iracema deixa, ao longo da novela de Alencar, de ser figura importante para o seu povo, e passa a ser subserviente ao fidalgo europeu que se aproximou, desde o início da narrativa, na condição de “bom invasor” e acabou trazendo a perspectiva de ocidentalização mais para perto do horizonte da originária brasileira.

Nota-se, nesse viés, a condição de trauma à qual Iracema é submetida ao longo do romance de José de Alencar. É por meio dessa invocação de um passado marcado por violências de diferentes níveis que Alencar estabeleceria suas tentativas de escrever uma fundação que mirasse o futuro do Brasil, ou seja, uma nação pela ideia de devir. Enquanto índia idealizada, Iracema consegue, por meio da memória e experiência do trauma colonial, reagir, em um primeiro momento, à presença do branco europeu. Todavia, logo após enxergá-lo, apaixona-se perdidamente, abandonando toda a sua essência originária para se entregar ao amor, ocidentalizando-se gradativamente. Ainda de acordo com essas perspectivas, e segundo Doris Sommer:

[...] Alencar insistia na ideia de que o Brasil fora fundado quando brancos e índios caíram uns nos braços dos outros e tiveram filhos mestiços. [...] Finalmente, o gênero lhe parecia equivocados. A poesia épica, com seus elementos necessariamente maravilhosos e seu estilo grandioso, era simplesmente imprópria para um poema histórico sobre uma nação moderna e que deveria ser a “verdade em versos”. De nada adiantaria reproduzir cadências homéricas, fadadas a parecer insignificantes, em uma história indígena que deveria soar como lamento melancólico (Sommer, 2004, p. 178).

A noção alencariana de uma fundação pautada na mestiçagem proveniente do encontro entre colonizadores e colonizados é demasiadamente eufemística e contribui para a ocidentalização de seus personagens, já tidos, por Sommer, como prestes a se tornarem letras mortas, uma vez que se não fossem as produções literárias de Alencar, eles mal teriam sobrevivido, posteriormente, na literatura brasileira. Ainda assim, Iracema (e os demais índios alencarianos) é representada como um ser divinamente adorável, civilizada e nobre em seu povo, além de possuir um dialeto completamente vasto e que faz justiça a um letramento digno de uma academia

tipicamente provinciana. Todavia, todos os traços que culminavam no projeto de nacional-ocidentalização em Iracema caminhavam para uma superação dos conflitos raciais que cercavam o ambiente pós-colonial do Brasil, mas que, infelizmente, custaria à virgem dos lábios de mel seu abandono e consequente morte para um desenvolvimento nacional que, naquele momento, estaria idealizado em Martim e Moacir, que representariam, respectivamente, um branco e um mestiço que partem na tentativa de regressar às terras da América (na narrativa de Alencar, o Ceará) onde foi deixado o corpo de Iracema.

Entende-se, portanto, que os aspectos da colonização, racialização e violência de gênero foram marcantes para a representação alencariana de Iracema compactuar com as noções trabalhadas no projeto de nacional-ocidentalização literário presente neste romance indianista. A identidade racial de indígena e a identidade de gênero mulher são dois marcadores de subalternidade que aparecem na personagem, especialmente quando colocada frente à frente com o colonizador Martim. Até mesmo quando Iracema colocava-se em posição de superioridade, graças a uma agressão que praticara em seu primeiro encontro com Martim, ela ainda era vista de forma dócil pelo olhar cristão do europeu, e, ao notar, no homem branco, uma reação mais ofendida na figura de quem lhe atirava uma flecha e não no ferimento em si, Iracema passa a ser mais parte de uma natureza fundante da nação, firmada no olhar ocidental, do que figura autônoma e genuinamente brasileira, longe das amarras coloniais de pensamento:

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido. De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada, mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida (Alencar, 1991, p. 7).

Ademais, o produto da nacional-ocidentalização de Iracema, Moacir, é visto por Doris Sommer (2004) como “[...] uma nova linhagem, em que um passado inconfundivelmente brasileiro se mescla com um futuro imprevisível; ele é a resposta à brasilidade, tanto tupi quanto não tupi” (p. 201). Diante disso, é possível inferir, ainda, que a nacional-ocidentalização afeta Iracema a ponto de intensificar seus traumas e ser a força motriz das perdas que a indígena sofre ao longo do romance, desde a sua virgindade até a comunidade, seu amor, e, finalmente, sua vida.

## Honra e a ocidentalização

Ao saltar à contemporaneidade literária e ver, em *As doenças do Brasil* (2020), um romance que também busca explicar a formação da nação brasileira em um espaço similar ao construído por José de Alencar em *Iracema*, observa-se, nos escritos do autor português, de origem angolana, Valter Hugo Mãe, uma perspectiva de compreensão da nacional-ocidentalização nos personagens do povo Abaeté, criação literária que constitui a base do romance português e parte importante da família de Honra, personagem filho do estupro sofrido por uma originária e praticado pelo Animal Branco (ou Fera Branca), nome dado à representação do colonizador branco europeu que invade as terras dos Abaeté.

De antemão, é necessário voltar um pouco as atenções para o título do romance. Ao ser publicado nos tempos iniciais, e talvez mais brutais, da pandemia de covid-19, e com um título que trouxe a palavra “doença”, foi natural que se pensasse muito sobre uma escrita que estivesse atrelada à chegada da doença que, naquele momento, matava milhares de pessoas ao redor do globo. Entretanto, logo em suas partes iniciais, percebe-se, no romance de Valter Hugo Mãe, uma tentativa de enxergar o processo colonizador como algo atormentador e doentio às vistas das experiências provenientes do complexo afro-indígena. Nesse sentido, pode-se considerar que a colonização europeia nas Américas foi o verdadeiro procedimento patológico da nação brasileira, fazendo, assim, justiça à titulação escolhida pelo autor para nomear sua narrativa. Isso comprova-se logo nas páginas iniciais da narrativa em si, quando o narrador propõe explicar o que seria o sujeito europeu ocidental do ponto de vista do colonizado:

O animal branco é o animal vazio, fera sem sinal de espírito, máscara vocabular que deita a palavra do mal, preda por ser torpe, dissimula e seduz, sua fealdade é infecção, existe no mundo aos mil, certamente dez vezes mil, semelhante aos sagrados abaeté mas torto, vocacionado para devorar e matar, o branco não é alguém, imitador dos que soam, é o abismo num corpo erguido e abeira para conter tudo quanto não lhe pertence, o lugar e a carne dos outros, a paz e a fertilidade dos outros, os que acordaram por eternidades seus compromissos para maturarem no esplendor da criação, ele não permite a confiança, seus acordos são a traição, a morte da gentileza (Mãe, 2021, p. 23).

Marcado pelos aspectos da traição, do roubo, da morte e do vazio, o Animal Branco descrito por Mãe em seu romance é o grande responsável pela ocidentalização dos Abaeté. Além disso, é por meio desse animal vazio descrito pelo autor português que ocorre o estupro de Boa de Espanto, uma originária do povo Abaeté, personagem

que acaba entrando em um processo de gravidez que irá gerar Honra, personagem principal do romance e enfoque da presente análise. Honra é filho de uma originária com um europeu, nascido de uma relação forçada e traumática, ocupante de um entrelugar por não ser nem Abaeté nem branco o suficiente. Em um viés analítico que privilegie mais as questões de alegoria propostas por Valter Hugo Mãe, é possível afirmar que o romance *As doenças do Brasil* trata, sobretudo, de uma narrativa acerca da formação nacional a partir da invasão europeia nas terras dos povos originários, sendo Honra uma alegoria daquilo que seria o projeto de nacional-ocidentalização do Brasil, marcado, sobretudo, pela ferida aplicada aos Abaeté e pela sede de vingança contra os brancos.

Pautado na filosofia de tentar entender-se enquanto humano e em como lidar com os traumas que o rondam, Honra possui a pele mais clara do que a dos Abaeté, fazendo com que ele, periodicamente, sinta raiva e repúdio de si mesmo e daquele que o gerou por meio da violação sexual, além da constante sensação de não pertencimento provocada pela mestiçagem, que funcionava, não somente no romance de Mãe como também em todo o discurso do projeto colonizador, como um eufemismo para as violações dos corpos originários femininos provocadas pelos brancos europeus<sup>1</sup>. Dessa maneira, Honra nasce, fisicamente falando, ocidentalizado, uma vez que carrega consigo traços fisionômicos tipicamente europeus. Em contrapartida, quando colocado de frente aos colonizadores, Honra é mais visto pelos seus traços originários do que por seus traços brancos, sendo assim, racializado a todo momento por si mesmo e pelos diferentes povos que ocupavam a narrativa. O autorreconhecimento de Honra enquanto ser também ocidental é parte marcante de seu discurso, e isso fica nítido em uma conversa, claramente com tom de desabafo, que o Abaeté tem com Pai Todo, pajé do povo em que vivia. Nela, dizia-nos o protagonista:

Sagrado Pai Todo, sou branco. Sei agora e não sei como não o via mesmo que vendo. Sou branco. E esta cor não é cicatriz, é ferida e não sara. O inimigo parasita em mim para sempre. Sou uma possessão. Um espírito baixado sobre minha dignidade abaeté. Sou um bicho como nenhum outro da mata. Um inimigo menos semelhante. Um excremento do branco no ventre de minha mãe. Sou a morte, sagrado Pai Todo, eu sou a morte. Minha transparência terminou há muito e sou deixado no igarapé para continuar distraído, mas não existe mais distração para minhas evidências

---

<sup>1</sup> Ainda que o presente artigo venha inserir o conceito de mestiçagem ao projeto colonizador europeu, é necessário salientar que não devem ser feitas generalizações ao dito conceito, salvo exceções devidamente explicadas. A perspectiva escolhida no presente estudo e atrelada ao termo surge, principalmente, através de escritos como os de Abdias do Nascimento (1980) em *O Quilombismo*, que foram importantes para compreender o uso da mestiçagem como forma simbólica de mascarar a violência colonial. Entretanto, a atual nota evidencia, também, que na completude do fato a mestiçagem pode ser compreendida de maneiras diferentes e, até mesmo, sem valor pejorativo no âmbito de suas outras potencialidades.

porque eu sou evidente. Não necessito sequer de ver meu rosto, basta qualquer nico de meus dedos, qualquer nico de qualquer parte de meu corpo. Tenho essa cor grotesca do inimigo que vive no exterior de nossa Divindade. Tenho essa prova grotesca de ser metade inimigo e de me ofender a mim mesmo, que sei da pureza de nossa comunidade e sonhei com o esplendor de crescer para essa pureza (Mãe, 2021, p. 34).

Nota-se, através da fala de Honra, que o originário tem noção de como a mestiçagem o afetou e o traumatizou. Nota-se, também, a capacidade criativa de Valter Hugo Mãe ao falar da pureza divina dos Abaeté enquanto povo. O autor é capaz de subverter a máxima, por muito tempo imposta pelo discurso ocidental europeu, de que a raça branca temeria ser, em um dado momento de sua história, contaminada por algum outro aspecto físico ou biológico advindo de qualquer outro povo, sob pena de “despurificação” da raça<sup>2</sup>, atribuindo-a, em uma ironia crítica à realidade histórica aos Abaeté. O povo originário é descrito por Mãe como um conjunto que não havia sido degenerado até a chegada do branco, além de o dito povo ter ciência e orgulho de sua raça una (até então). Prova disso é que Honra sabe das manchas físicas advindas do ocidentalismo que carrega em seu corpo e não pretende dar continuidade a elas em uma possível e futura relação sexual que ele poderia ter com outra Abaeté. Os transtornos psicológicos ocasionados pelo estupro de sua mãe fizeram com que Honra percebesse a sua ocidentalização como uma doença e passasse a viver na tentativa de curar-se de seus traços brancos para, finalmente, poder se integralizar com seu povo. Nessa perspectiva, Honra passou a sentir ódio daquele que o gerou e de seus similares, ao ponto de propor uma vingança lenta e dolorosa para a Fera Branca:

Eu vou encontrar o rosto de que descende o meu e vou atacar de súbito e cortar a cabeça. Trarei a cabeça mas não lhe cantarei, não dançarei nem tocarei flauta. Cobrirei sua boca de podridões e cuspirei e deitarei no lugar das piranhas que a devorem. Jamais o abrigarei. Sagrada mãe. Eu jamais o abrigarei ou lhe educarei a morte. É necessário que eu possa odiá-lo para o matar melhor. Para lhe sobreviver melhor (Mãe, 2021, p. 62).

---

<sup>2</sup> A ironia proposta nas escritas de Valter Hugo Mãe é, também, uma crítica ao pensamento científico dos tempos coloniais que, em maioria, acreditava, ferrenhamente, em uma despurificação da raça através do contato com o diferente. Na América Hispânica, por exemplo, circularam, por muito tempo, tabelas de hierarquia de sangue que serviam como uma espécie de “prevenção” contra a despurificação racial. Esse exemplo serve como base para tentar compreender algumas das políticas de branqueamento social fundamentadas em um darwinismo social que, por tempos, serviu de base às premissas eugenistas dos colonizadores sob os colonizados.

Percebe-se, dentre as características que marcam a ocidentalização de Honra enquanto representação de figura nacional brasileira em *As doenças do Brasil*, que tanto ódio quanto trauma habitam o Abaeté de modo tão preponderante a ponto de ele desvencilhar-se de algumas das filosofias principais de seu povo, uma vez que os originários são conhecidos, na narrativa de Hugo Mãe, pela gentileza, calma e paz. Aqui também há um outro ponto importante a se observar na criação literária do escritor. Ao elencar a gentileza como traço predominante nos Abaeté, Valter Hugo Mãe também subverte outro preceito que preconizava o discurso ocidental europeu, que utilizou, em muitos textos e documentos históricos relativos à “era dos descobrimentos”, o termo “gentil” na tentativa de fazer referência aos povos originários como pessoas “dóceis”, animalizando-as e contribuindo para o caráter de inofensividade do povo, além de irem adiante ao justificarem que estes seres inferiores e desprotegidos precisariam das mãos coloniais para alcançarem o progresso e a modernidade enquanto nação. Em *As doenças do Brasil*, Valter Hugo Mãe usa dessa mesma gentileza para descrever os Abaeté de modo positivo, principalmente a partir do momento em que é esse traço comportamental que faz com que os originários do romance possam ser escutados, soando mais humanos do que os brancos da narrativa, povo que precisaria ser ensinado pela gentileza para, então, curar-se. A gentileza como postura tipicamente Abaeté é perpassada não somente pelos originários do romance, mas também pela fala de Boa de Espanto ao responder Honra, logo após a fala proferida pelo originário Abaeté, dotada de rancor e ódio, características primordiais do Animal Branco ocidental:

Pai Todo vai bater tua cara. Sentes torto. Entoas torto. O que será se súbito sopra o vento. Cala. Respeita a boca. Cala.

O guerreiro branco calou. Olhou a tarde quente. A comunidade absorta em suas tarefas sem qualquer angústia. Era o único abaeté em desassossego. O feio era o único abaeté em desassossego. Resolveu entoar:

Obrigado, sagrada mãe (Mãe, 2021, p. 62).

Após concentrar todo seu ódio na Fera Branca responsável pelo estupro de sua mãe, Honra percebe que todo esse acúmulo de sentimentos que o levavam a comportamentos completamente destoantes daqueles que conhecia como seu povo fazia com que, aos poucos, o próprio Abaeté percebesse o quão ocidentalizado já estava somente por mimetizar um modo de vida que não condizia com aquele que fora ensinado e ritualizado na tradição de seus pares. Dessa forma, e após ouvir as palavras de sua mãe, Honra retoma, ainda que aos poucos, a consciência e volta a enxergar-se enquanto o originário que realmente era, afinal, toda a angústia, sede por vingança e mal que sentia eram provenientes daqueles que invadiram suas terras e trouxeram a colonização e os mecanismos de controle provenientes das matrizes europeias. Não

obstante, tamanha retomada de consciência não isenta Boa de Espanto de perceber, em Honra, os traços da ocidentalização que marcam seu filho, desde a fisionomia até as alterações comportamentais:

Quando o sol começava pouquinho, o primeiro abaeté que acendia era Honra. A alvura de seu corpo acendia com facilidade à força das manhãs.

Via-se bem como Honra permanecia estendido. O seu tamanho e a sua cor. Em algum momento, era bem visto seu rosto. Boa de Espanto [...] viu o rosto do filho, e entoou:

este é o rosto da fera inimiga. É este o rosto da fera inimiga que feriu o filho em meu ventre. Assim o vi diante de meus olhos. O mesmo pouco verde atirado ao vazio. A mesma impressão de ser uma iluminação caída do céu. A força e o som de uma fera cujo corpo quase não difere do brilho.

[...] Boa de Espanto, atônita, entendera que o filho crescera o resto do inimigo. O filho tanto quisera acreditar que sua fealdade denunciaria a fera que ela mesma, incrédula, lembrava agora. Honra imitara o rosto do branco. Era branco e em tudo soubera imitar o branco (Mãe, 2021, p. 165-166).

Nesse sentido, pode-se chegar, por ora, a um apontamento importante para se entender a nacional-ocidentalização em Honra. O Abaeté alterna, durante toda a narrativa, entre comportamentos tipicamente originários e tipicamente europeus, encontrando-se na condição de colonizado que aprendeu a mimetizar o colonizador, afinal, era fruto da mestiçagem que originaria, de maneira alegórica proposta por Valter Hugo Mãe, a nação que se conhece hoje como Brasil. Achar a cura para a doença passada pela Fera Branca em Honra nada mais seria do que encontrar, dentro de si, a gentileza Abaeté. Apesar de possuir traços físicos que o façam ser, em partes, ocidental, Honra jamais esquece de suas raízes e de quem realmente o acolheu durante toda a sua vida, tornando-o capaz de amar, perdoar e passar a gentileza de um verdadeiro Abaeté. Nesse contexto, e com o desenrolar da narrativa, seus aprendizados são colocados à prova no momento em que o protagonista se encontra frente a frente com o Animal Branco responsável por estuprar sua mãe. Honra consegue mostrar-se muito maior do que qualquer tipo de ocidentalização que lhe fora imposta contra a sua vontade, e opta por não matar aquele que mais motivou o seu desejo de vingança, alcançando, dessa maneira, a plena identidade dos Abaeté que soam gentis por natureza e lavados de toda a fúria propagada pela ocidentalização branca: “Eu lavarei de mim esta fúria. Um abaeté não odeia senão pela obrigação de defender. Ficarás com teu futuro, essa mentira que propagas, e eu estarei liberto entre meus povos, pronto para te matar no instante em que abeires para atacar” (Mãe, 2021, p. 185).

## Para (não) concluir

Em *Ficções criadoras: as identidades nacionais*, Anne-Marie Thiesse (2002) nos traz uma lista com aspectos que uma nação digna, em literatura, deve possuir para nomear-se como tal. De acordo com a historiadora,

Atualmente, a lista de elementos que uma nação digna deste nome deve possuir está bem estabelecida: ancestrais fundadores, uma história que estabeleça a continuidade da nação através das vicissitudes da história, uma galeria de heróis, uma língua, monumentos culturais e históricos, lugares de memória, uma paisagem típica, um folclore, tudo isso sem contar algumas identificações pitorescas: modo de vestir, gastronomia, animal emblemático (Thiesse, 2002, p. 8-9).

A lista proposta pela pesquisadora abrange vários aspectos que seriam facilmente alcançáveis por um povo que possuísse algumas das características básicas da liberdade e possibilidade de expressão no sistema-mundo. Diante disso, é preciso parafrasear a pergunta que abre o presente estudo: como poderiam países, que nascem a partir de invasões, estupros, genocídios em massa e constantes ocidentalizações, expressarem-se enquanto nações dignas e encontrarem suas curas para sanarem esses processos traumáticos? A resposta para essa pergunta ainda é uma incógnita a ser desvendada na contemporaneidade, mas é fato que muitos intelectuais ousaram, ao longo da história dessas nações, forjar um projeto de formação nacional, pautando-se, principalmente, em alguns dos aspectos listados anteriormente.

Os projetos estenderam-se com o avanço dos tempos, mas a pergunta ainda permaneceu sem uma resposta concisa. A verdade (ou tentativa verossímil) por trás dessa resposta é que as nações do chamado “Novo Mundo” por muito tempo estiveram fadadas a não terem uma história própria e, no máximo, tentar alçar voos que mirassem aquilo que Alfredo Cesar Melo (2020) entenderia como uma formação enquanto nacional-ocidentalização. Prova concreta transpassada neste salto temporal estipulado ao longo do presente estudo é que escritores como José de Alencar foram muito importantes para dar passos iniciais ao que hoje se conhece como literatura brasileira, mas também é fato que outros escritores que partilham do mesmo código linguístico, como Valter Hugo Mãe, nos mostram, ainda em tempos atuais, a necessidade de olhar para trás e ainda questionarmo-nos sobre o que realmente é uma nação. Entende-se, portanto, que tanto Iracema quanto Honra são duas representações fidedignas ao tamanho do impacto ocasionado pelas invasões dos europeus em terras que foram vistas apenas pelo viés capitalista de expansão mercadológica e dominação cultural.

Infelizmente, o trauma colonial persistiu (e ainda persiste) nas mentes dos povos colonizados, afetando todas as camadas sociais e conseguindo penetrar, por meio de suas constantes reinvenções transpassadas nas matrizes da colonialidade, as criações literárias da classe letrada de vários períodos da história, tornando, assim, as primeiras tentativas de elaborar uma literatura nacional um projeto que foi marcado, ora em doses maiores, ora em doses menores, pela ocidentalização de seus personagens. O trauma colonial consegue ir muito além das perspectivas que adentram a subjetividade mental dos povos oprimidos, atingindo, também, eixos econômicos e sociais da contemporaneidade. Ainda assim, a capacidade criativa de autores brasileiros, como José de Alencar, fez com que obras de formação como *Iracema* fossem essenciais às ficções de fundação, servindo como uma espécie de mote para a problematização (a partir) da tradição por romances escritos na nossa contemporaneidade como o de Valter Hugo Mãe. Além disso, essa mesma literatura também serviu de reflexo para que autores portugueses contemporâneos, como Valter Hugo Mãe, pudessem, através de romances como *As doenças do Brasil*, fazer uma espécie de retrospectiva crítica de sua própria cultura, de forma a trazer, em sua obra literária, um espaço de retorno ao início, com a escuta sendo primordial para entender não somente a dimensão do universo colonizador, como também a magnitude do universo colonizado.

## Referências

- ALENCAR, J. de. *Iracema*. 24. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- CANDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1997.
- DENIS, F. Resumo da história Literária do Brasil. *In: Historiadores e críticos do Romantismo – 1: a contribuição europeia, crítica e história literária/ seleção e apresentação de Guilhermino César*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MÃE, V. H. *As doenças do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2021.
- QUIJANO, A. Colonialidade do Poder e Classificação Social. *In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (org.). Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- MELO, A. C. A formação como nacional-ocidentalização. **Criação & críticam**, São Paulo, v.1, p. 136-148, 2020.
- NASCIMENTO, A. do. *O quilombismo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1980.
- SOMMER, D. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*; Tradução de Gláucia Renate Gonçalves e Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- THIESSE, A. Ficções criadoras: as identidades nacionais. *Anos 90*, Porto Alegre, s.v, n. 15, p. 7-23, 2001/2002.